

## EDITORIAL

Desde a Antiguidade, nas diversas culturas podemos reconhecer referências à experiência mística, seja do ponto de vista intelectual ou religioso, na medida em que se busca um encontro com o absoluto, em seu mistério. No mundo contemporâneo manifesta-se também uma busca da mística, inclusive na área econômica, onde se pretende uma mística que favoreça o enriquecimento pessoal. Neste nosso número de *Estudos Bíblicos*, em seus diversos artigos, procuramos resgatar a mística que nos ilumine e mova à comunhão com o Deus de amor, nosso Pai, e com nossos irmãos, particularmente os mais excluídos e desamparados em nossas sociedades, tendo em vista um mundo mais justo e fraterno.

*Alexandre de Jesus dos Prazeres*, tomando como referência diversos autores, nos apresenta uma reflexão sobre uma mística bíblica que favoreça a concepção do ser humano de maneira unitária, valorizando a corporeidade do ser humano integrando-o na sua relação material e espiritual com o mundo e com os demais, e particularmente com Deus, levando a um compromisso com a justiça, em defesa da causa do fraco e do oprimido.

*Benedito Gomes Bezerra* aborda o tema da espiritualidade, principalmente sob o ponto de vista protestante, porém tendo em vista uma perspectiva ecumênica, marcada pela reivindicação da coerência entre fé e obras ou contemplação e ação, superando a dicotomia entre ambas, o que é ainda uma realidade e um problema para os cristãos. Tem-se em vista uma espiritualidade integral, que inspire um conjunto de práticas comunitárias, coletivas e sociais, unindo produtivamente a fé e a ação, na conjugação de uma vida sem dicotomias, sem separação entre o eterno e o transitório, entre o corpo e a alma.

*Inácio Strieder*, tendo em vista que a vida cristã se fundamenta numa fé fundamentalmente mística, busca as características desta mística a partir das cartas do corpus paulino, destacando o conteúdo cristológico da fé e o estilo de vida do Apóstolo Paulo. A vida, a espiritualidade e a mensagem do Apóstolo Paulo estão totalmente fundamentadas numa compreensão mística de comunhão com o Cristo morto e ressuscitado, presente por seu Espírito nos fiéis e em sua comunidade, a Igreja. Fica, assim, em evidência uma mística cristológica, que significa deixar que o Espírito de Cristo dinamize o fiel para uma vida em que se busca a perfeição, através do serviço comunitário benéfico.

*Jair Rodrigues Melo* destaca a leitura profética que Isaías faz da história, no contexto de seu tempo, evidenciando-se a voz crítica do profeta em sua denúncia da iniquidade e injustiça presentes na sociedade.

A nação pecadora, o abandono e o afastamento de Deus significavam um descaso para com a experiência mística na contemplação do mistério do Sagrado. Não conhecer a Deus aqui implica também na não identificação de seus sinais na história. Com sua leitura profética da história, Isaías lembrava ao povo que somente inseridos na experiência mística era possível compreenderem corretamente as raízes fundamentais do sofrimento humano e buscar combatê-lo.

*João Luiz Correia Júnior*, tendo em vista, com maior destaque, o Evangelho de Marcos, busca uma aproximação da espiritualidade e da mística de Jesus, e suas implicações em sua vida pessoal de intimidade com Deus e em sua prática missionária junto aos empobrecidos de sua época. Com um olhar a partir dos evangelhos, constata-se que Jesus cultivou uma mística de profunda comunhão com Deus, particularmente a partir da oração, a qual se expressa socialmente por meio da compaixão solidária para com os excluídos e oprimidos pelas prescrições religiosas legalistas. Assim, Jesus liberta e reintegra tais pessoas no convívio social, com o corpo saudável e a mente sã, lúcida, consciente, tornando uma realidade a presença do Reino de Deus na história.

*José Artur Tavares de Brito*, tendo em vista as peregrinações acontecidas em suas diversas formas, nos apresenta o tema da mística e espiritualidade do caminho. Tendo como referência a parábola do samaritano (Lc 10,29-37), faz uma análise sobre como, a partir do Evangelho, o Caminho e o Templo correspondem a duas espiritualidades que se completam e se conflitam. A experiência mística do caminho leva a perceber Jesus que é o Filho de Deus que irrompe na história para purificar a casa de “meu Pai”, para purificar e reabrir a história. Jesus de Nazaré dá-se a conhecer como o Peregrino do Pai. Ele assume a condição de cumpridor da vontade do Pai. O caminho a seguir é no meio dos mais pobres e desvalidos da sociedade de sua época e de todos os tempos.

*José Raimundo Oliva* contribui com uma reflexão sobre a mística da encarnação, a qual nos move a um compromisso exigente com a transformação deste mundo, tendo em vista a vida plena para todos. No mistério da encarnação temos a revelação da face divina. Contemplando Jesus de Nazaré, em sua prática amorosa e em suas palavras de vida, no seu convívio com sua família, com os discípulos, e com as multidões, somos transformados e atraídos para seu seguimento no resgate da vida plena para todos, em comunhão com o Pai, tornando-nos participantes da vida divina e eterna.

*Marcelo Barros*, analisando, de início, o conceito de “reino de Deus” nas diversas culturas ao longo da história, aprofunda a mística do reino como força

mobilizadora de transformação social e política. Destacando o conceito bíblico de “reino”, reflete sobre como a caminhada eclesial da Igreja da libertação assumiu esta mística para fortalecer sua opção. Embora o reino de Deus seja transcendente, fruto da graça divina, não cabendo a nós construí-lo. Somos, contudo, movidos pela fé em Jesus a testemunhar a presença do reino entre nós, tornando-nos, assim, sal da terra e luz do mundo, particularmente pela nossa inserção nos movimentos sociais, neste tempo em que se manifesta um novo processo social e político, emergente em vários países da América Latina.

*João Luiz Correia*  
*José Raimundo Oliva*

